

## **A REPRESENTAÇÃO FEMININA EM “VESTIDA DE PRETO” DE MÁRIO DE ANDRADE**

### **BETWEEN MARY AND EVE, THE FEMALE CONDITION IN MARIO DE ANDRADE'S VISION**

*Nincia Teixeira*

RESUMO: Durante séculos a mulher foi vista como o outro, contra o qual o homem impunha seu poder, devendo ser subserviente nas sociedades patriarcais e falocêntricas. Com a evolução da história, passou por transformações em várias instâncias, moral, afetiva, econômica, intelectual. Tais transformações foram importantes para definir a posição de um gênero, até então, muito estereotipado na sociedade. Essa estereotipação se transfere também para o campo literário, em que podemos observar personagens femininas que são dominadas pelas prerrogativas masculinas. É nesse ponto que este trabalho tem sua principal reflexão: a mulher como personagem na literatura, em especial, no conto “Vestida de Preto” de Mário de Andrade. O trabalho apresenta reflexões sobre a obra e a forma com que o autor abordou o tema mulher, centrando o foco na personagem Maria que, no universo desse autor, é representada de forma pouco convencional em seus fazeres e poderes, rompendo de certa forma com a imagem cristalizada de mulher.

PALAVRAS-CHAVE: Personagem Feminina. Gênero. Mário de Andrade.

ABSTRACT: For centuries the woman was seen as the other, against which man imposes his power and should be subservient in patriarchal and phallogocentric society. With the evolution of history, it has undergone transformations in several instances, moral, emotional, economic, intellectual. These changes were important to set the position of a genre hitherto very stereotyped in society. This stereotyping also transfers to the literary field, where we can see female characters that are dominated by male prerogatives. This is where this work has its main reflection: the woman as a character in literature, especially in the short story "Dressed in Black" by Mário de Andrade. The paper presents reflections on the work and the way the author dealt with the subject of women, centering the focus on character Mary, in this author universe is represented in an

unconventional manner in their doings and powers, breaking somewhat with crystallized.

KEYWORDS: Female Character. Gender. Mário de Andrade.

## A REPRESENTAÇÃO FEMININA EM “VESTIDA DE PRETO” DE MÁRIO DE ANDRADE

*“Na verdade sou um homem-do-mundo,  
só que resolvido a aproveitar suas  
próprias possibilidades”.* Mário de  
Andrade

No início do século XX, o panorama social do Brasil apresentava elementos modernos e intrigantes, visto que a classe média urbana estava em ascensão concomitante com a consolidação das primeiras concentrações de fábricas, assim como a imigração crescia consideravelmente. Rompia-se, pois, o equilíbrio de uma sociedade colonial. Diante desse cenário, surgem novas formas de pensar a sociedade e a política, corroborando para a quebra de paradigmas. Em todos discursos o “novo” tornava-se palavra de ordem, inclusive há menção à nova mulher.

O crítico Álvaro Lins salienta que o movimento modernista – no Brasil e em todos os países que participaram de alguma forma da Primeira Guerra Mundial – era um reflexo, na literatura, das mudanças de valores que estavam ocorrendo na sociedade: “Efetivamente, eis o que foi o modernismo: uma crise, uma fase de transição, uma imagem de instabilidade social.” É correto afirmar que a guerra não foi o único fator determinante da modernidade nas sociedades, há outras variantes, como a industrialização das sociedades e as suas consequentes mudanças, como a aglomeração de populações em grandes centros urbanos, o surgimento de novas classes sociais (a burguesia urbana e o proletariado), o desenvolvimento da indústria do entretenimento e dos meios de comunicação. Todas essas mudanças causaram uma necessidade de transformação nas artes também, pois o que era produzido não condizia mais com as condições do homem moderno.

Mário de Andrade, vanguardista nato, registra valores culturais nacionais, aspectos artesanais do fazer e o gosto pela tradição capturada na cultura popular anônima, Sobre seu

projeto estético e político, Mário de Andrade escreveu a Prudente de Moraes Neto:

Todas as questões que são de vida ou de morte pra organização definitiva da realidade brasileira [...] nos levam pra uma arte de caráter interessado que como todas as artes de fixação nacional só pode ser essencialmente religiosa (no sentido mais largo da palavra: fê pra união nacional, psicológica familiar social religiosa sexual). E creio que você bem sabe os sacrifícios enormes de mim que fiz neste sentido. Eu, Prudentico, sou um indivíduo desabusado e feliz, com uma autocrítica severa que jamais não me permitiu achar um bom valor artístico numa obra minha e que só justifico a publicação das obras que faço porque elas são obras-ações. Em vez de pregar, eu faço [...] (ANDRADE apud KOIFMAN, 1985, p.145-150)

As palavras de Mário de Andrade derivam sua força inquietadora de um universo que abrange todas as conquistas do Modernismo, de acordo com Alfredo Bosi, citando Lucien Goldman (BOSI, 1994), uma obra literária é expressão do conflito do autor com a sociedade. Andrade aborda em sua vasta obra tanto os aspectos externos quanto os internos da obra, tanto os fenômenos sociais quanto os psicológicos. Eneida Maria de Souza lembra a atitude do autor diante da cultura da metrópole, aquela que será muito bem elaborada pela antropofagia:

[...] o “esquecimento” da cultura imposta pela metrópole seria o antídoto eficaz a ser utilizado na luta a favor da independência cultural, pela desobediência do colonizado frente à marca registrada das ideias e modelos do colonizador. Esse esquecimento não implicaria, evidentemente, a destruição de uma memória acumulada, mas a prática de transgressão e releitura dos modelos.

De acordo com Eduardo Jardim, o modernismo é a principal referência para se discutir cultura brasileira, a especificidade da cultura brasileira (no segundo tempo do movimento), a elaboração de uma linguagem artística nacional, a questão da dimensão social da arte. A contribuição de Mário de Andrade em todos estes aspectos foi central. Ele foi mesmo o “papa” do modernismo e certamente a principal figura de intelectual do Brasil do século XX. Jardim assevera que:

Mário tinha uma visão universalista do projeto modernista, imaginava o Brasil inserido no concerto universal, teve uma visão “transversal” da cultura, pretendendo pôr em contato contextos culturais diferentes — cultura erudita e popular, tradicional e moderna. Ao mesmo tempo, para entendermos nosso modernismo e Mário de Andrade, temos que medir a distância que nos separa dele. (2005, p. 25).

A visão de arte de Mário de Andrade sempre sublinhou a sua dimensão social. Mário achava que a arte tem um sentido coletivo por dois motivos: faz parte da vida de todos os homens e é formadora das coletividades. Ele entendeu que a modernização da arte e cultura brasileiras depende da afirmação dos seus traços nacionais. Cabia, então, definir o que é nacional. Mário de Andrade achava que os traços especificamente nacionais da cultura estão contidos na cultura popular.

Com isso percebemos a indissociabilidade entre o pesquisador, o teórico e o artista. Observando dessa maneira, percebemos o escritor modernista como o primeiro pesquisador a desenvolver de maneira sistematizada e institucional o imaginário simbólico deste Brasil, rural e anônimo, buscando os símbolos sociais capazes de permitir o diálogo com a comunidade. Mário percebia o artista com um dever social, impondo-se o trabalho de “captar e traduzir em linguagem artística os conteúdos já presentes na alma do povo”, conforme salienta Eduardo Jardim (2005, p.24-29).

Nos contos de Mário de Andrade, podem-se destacar diversos aspectos, desde a sexualidade, a diversidade cultural, a miséria e outras questões de caráter social. Os cenários

são ruas, cidades, casas ou ambientes de trabalho que servem de palco para o que realmente interessa: as relações humanas que ali se estabelecem e que delineiam a progressão das tramas. As temáticas voltam-se para angústias, conquistas fugazes, dissabores que a existência humana prova. Além disso, Andrade foca acontecimentos prosaicos, que poderiam passar despercebidos, mas em seus escritos são redimensionados, ganham vulto e têm muita importância. Muitas vezes estudos psicanalíticos aparecem nas entrelinhas, nas ações e nos desejos dos personagens, dando-lhes uma nova dimensão. Outra marca de seus contos é o registro de influências religiosas, trata-se de um revelar de símbolos cristãos que faziam parte da vida do autor e da sociedade brasileira daquela época.

O autor volta-se às questões humanas internas e/ou externas, ou seja, na relação com a personagem e o seu entorno, colocando em xeque, por exemplo, a presença de tabus e preconceitos, e promovendo a destruição do espírito conservador e conformista (COUTINHO,1980). Tais questões são também compartilhadas por Madalena Machado (2014). “Para ela, a reescritura da história de Juca, em *Contos Novos*, é sinônimo de uma literatura que exprime a problemática subjetiva sem as máscaras de um conservadorismo, reivindicação do Modernismo” (MACHADO, 2014, p.1).

## A CONDIÇÃO FEMININA NA VISÃO DE MÁRIO DE ANDRADE

Na história do Ocidente, a condição de filhas de Eva é o laço de sangue comum a todas as mulheres do universo. (...). Há diversos relatos bíblicos a este respeito, porém o mito de Adão e a concepção de Eva e sua postura desobediente é o que mais me deixou resquícios na visão ocidental. (CHIZIANE, 2008, p. 158)

O conto “Vestida de Preto”, de Mario de Andrade, foi primeiramente publicado na obra *Contos Novos*. A obra narra a história do primeiro amor de Juca, o protagonista, que atua também como narrador em 1ª pessoa. Nas brincadeiras, Juca e Maria, seu primeiro amor, costumavam esconder-se pelos cômodos da casa de Tia Velha e fantasiar o mundo dos adultos. Foi numa dessas ocasiões que Juca se deitou ao lado de Maria no chão do quarto, ficou abraçado a ela por trás e lhe beijou docemente a nuca, vivendo um momento mágico. Durante esse tempo, a Tia Velha entrou no aposento e flagrou-os, vendo malícia naquele ato, e repreendeu-os. Daquele momento em diante, Maria passou a desprezá-lo e a maltratá-lo, sem Juca saber exatamente por quê. Após algum tempo, Maria tornou-se namorada e, finalmente, casou-se, se mudando para o exterior. A partir daí chegam ao narrador histórias moralmente questionáveis em relação à conduta de Maria.

A história das mulheres é marcada pelo estabelecimento e regência da ordem patriarcal. Ainda quando crianças eram ensinadas a serem mães e esposas. Sua educação limitava-se a aprender a cozinhar, bordar, costurar, enfim, realizar tarefas estritamente domésticas, já que a elas foi negado o direito à educação formal. Eram vistas como frágeis, por isto, passíveis do domínio masculino.

O sistema patriarcal, legitimado ao longo da história pela religião cristã, é responsável, em grande parte, pelas práticas sociais que naturalizaram o papel da mulher, restringindo-a ao espaço da casa e favorecendo o exercício do poder masculino em detrimento do feminino. Mário de Andrade, no conto “Vestida de Preto”, apresenta vestígios que carregam as marcas da tradição católica. Juca e Maria são expulsos do paraíso assim como Adão e Eva. "O travesseiro cresceu como um danado dentro de mim e virou crime. Crime não, "pecado" que é como se dizia naqueles tempos cristãos." (ANDRADE, 1999, p.20).

Como categoria analítica “gênero”, permite-se refletir sobre a força do movimento que polariza os sujeitos, haja vista que, ao nascer, recebe-se um rótulo, o de homem ou de

mulher – no caso, menino ou menina, a partir do qual se é apresentado a um mundo completamente demarcado pelas relações de gênero, um mundo codificado, inteiramente sexuado que tem “todas as ações demarcadas pela distinção de gênero (...) no qual pode-se atribuir gênero a coisas, objetos, formas e atitudes, por exemplo. (AMARAL, 2005, P.15).

A partir de espaços gendrados, conforme Lauretis – do lar, da fragilidade e da emoção para a mulher e da rua, da razão e da força para o homem criam-se dizeres/saberes que ocupam um lugar comum. São discursos como estes que têm servido de sustentáculo para a permanência do patriarcado no cenário social, contribuindo para a ação da violência simbólica que subjaz todo o vasto campo de atuação da dominação masculina, tal como nos referendado por Pierre Bourdieu (2009).

O conceito de gênero engloba, ainda, formas de construção social, cultural e linguística que estão implicadas nos processos de diferenciação entre mulheres e homens, levando em consideração, portanto, que as instituições, as leis, as políticas, as normas, enfim, os processos simbólicos de cada cultura, ao mesmo tempo que são constituídas por representações de masculinidade e feminilidade, produzem essas representações ou, ainda, ressignificam-nas (MEYER, 2008).

Em “Vestida de Preto”, Andrade elabora a representação de um estado de coisas muito voltado ao elemento religioso, principalmente, à questão do pecado que se disseminou na civilização ocidental desde que o Cristianismo se consolidou. Observa-se que no conto essa presença é fortemente sentida, apagando desejos e atuando diretamente sobre a ação das personagens. De um lado, Maria é representada como “objeto de submissão” dentro do poderio social, de acordo com Rose Marie Muraro, ela passa a ser vista como bode expiatório de todas as falhas e males humanos, levando à crença de que o amor e a mulher são perigosos para o homem. Por outro lado, Juca é incitado à prática do pecado pelas ações praticadas por Maria.

Nisto os olhos de Maria caíram sobre o travesseiro sem fronha que estava sobre uma cesta de roupa suja a um canto. E a minha esposa teve uma invenção que eu também estava longe de não ter. Desde a entrada no quarto eu concentrara todos os meus instintos na existência daquele travesseiro, o travesseiro cresceu como um danado dentro de mim e virou crime. Crime não, "pecado" que é como se dizia naqueles tempos cristãos... E por causa disso eu conseguira não pensar até ali, no travesseiro. (ANDRADE, 1999, p. 20).

O Cristianismo representa a figura feminina com um anjo tutelar que deveria ser dedicada ao marido, aos filhos e ao lar, associando-a a Virgem Maria. Segundo o Catolicismo, para a mulher seguir a nobre missão de difundir a fé católica deveria possuir moral inspirada no modelo da mãe de Jesus Cristo, símbolo da mulher sem mácula que se dispõe a seguir os desígnios de Deus, sem nunca questioná-los. (ISMÉRIO, [s.d.] p.3). Assim, tem-se a dicotomia quanto ao conceito de mulher: a Santa x a Pecadora; a Virgem Maria x Eva. É conhecida a culpa atribuída à mulher por influenciar o homem a conhecer os pecados e, com isso, expulsá-los do paraíso. Para Martins:

A análise da carga negativa atribuída a Eva se faz importante na medida em que, apesar de esta ser um personagem mítico dentro de um sistema religioso, foram as mulheres, historicamente situadas, o objeto simbólico do mal e da fraqueza humana. E pelo fato de que as hierarquias políticas, econômicas e culturais, desenvolvidas ao longo da cultura judaico-cristã, têm garantido a continuidade desse pensamento patriarcal até os dias atuais. Mesmo a quebra de hegemonia do sujeito público masculino, ocorrida nas últimas décadas, acontece apenas de forma parcial, pois não atinge de fato as estruturas de sustentação política, econômica e religiosa. (2008, p.1)

Na narrativa, Maria assume o papel de Eva e passa ser considerada um ser nocivo a Juca, pois move-se unicamente pelo instinto sexual, ela se perde do caminho prescrito pela sociedade de que faz parte, passando longe do modelo de mulher esperado para contexto em que se encontrava:

Maria, por seu lado, parecia uma doida. Namorava com Deus e todo o mundo, aos vinte anos fica noiva de um rapaz bastante rico, noivado que durou três meses e se desfez de repente, pra dias depois ela ficar noiva de outro, um diplomata riquíssimo, casar em duas semanas com alegria desmedida, rindo muito no altar e partir em busca duma embaixada europeia com o secretário chique seu marido. (ANDRADE, 1999, p. 23).

A dicotomia Virgem Maria X Eva serviria para que a Igreja e a sociedade continuassem a vigiar suas mulheres, pois consideravam que seria fácil corromper a sua integridade, uma vez que possuíam uma natureza leviana. À mulher caberia, pois, duas alternativas: ou se tornava mãe devotada, obedecendo assim os preceitos da Igreja e da sociedade, ou se tornava prostituta, pois, a “mulher era predisposta à prostituição resultante, entre outras coisas, à sua beleza e à sua passividade na função reprodutora”. (ENGEL, 1989 apud ISMÉRIO, [s.d.] p.8).

Ao observar as ambiente da mulher brasileira na virada do século verificamos que o matrimônio constituía o objetivo primeiro, ou talvez, o único de sua vida. Desde a infância, era socializada para se tomar-se dependente. Para integrar a sociedade, precisava ostentar o título de esposa de Fulano de Tal. Só assim adquiria status. O casamento lhe era proposto como o único assunto sobre o que deveria pensar, a via pela qual desempenhava sua função social mais importante a de esposa. No conto, Juca tem consciência que não se casaria com Maria por não possuir pertencer a mesma classe social, a família se oporia por se tratar de um pobretão:

Aliás um caso recente vinha se ajuntar ao insulto pra decidir de minha sorte. Nós seríamos até pobretões, comparando com a família de Maria, gente que até viajava na Europa. Pois pouco antes, os pais tinham feito um papel bem indecente, se opondo ao casamento duma filha com um rapaz diz-que pobre mas ótimo. Houvera um rompimento de amizade, mal-estar na parentagem toda, o caso virara escândalo mastigado e remastigado nos comentários de hora de jantar. Tudo por causa do dinheiro. Se eu insistisse em gostar de Maria, casar não casava mesmo, que a família dela não havia de me querer. (ANDRADE, 1999, p. 25).

No conto, Mário expõe que o estado civil da mulher era preocupação constante da família de Maria. Observa-se que ocorre um processo de educação e socialização que a induzia a pensar que permanecer solteira era vergonho. O período do pré-casamento, era decisivo na vida da mulher, no caso de Maria a família vai interferir em sua escolha “os pais tinham feito um papel bem indecente, se opondo ao casamento duma filha com um rapaz diz-que pobre, mas ótimo”, retira-lhe, pois, o direito de opinar sobre sua própria vida, demonstrando o que a nossa cultura espera da mulher, no início do século XX, ou seja, que cumpra o seu destino, o qual, essencialmente, era casar-se e ter filhos.

Maria se submeteu a várias uniões mal sucedidas e estas, de forma alguma, corresponderam aos seus anseios e as aspirações. Mário de Andrade engendra uma personagem que não se adapta a uma vida condicionada pelas imposições do ambiente social em que vivia, em que o espaço da informação, do saber e, por extensão, do poder era de âmbito exclusivamente masculino; as mulheres, tolhidas em seus movimentos, controladas em suas iniciativas, pensamentos e leituras, deveriam dedicar-se somente à esfera doméstica. A personagem assume um comportamento inadequado aos padrões sociais da época, ao agir

como “Eva”, reproduz integralmente uma imagem da mulher leviana, que se não conforma com sua condição de submissão. O autor constrói a personagem Maria como uma anti-heroína, é retratada com características opostas àquelas esperadas, àquelas que, acredita-se, serem “naturais” de uma mulher: docilidade, delicadeza e submissão, atributos dedicados às “filhas de Maria”. É nesse sentido que ela demonstra certa força, ao desafiar o poder patriarcal, mesmo que “se perdendo”, pois para a mulher que ousa questionar o lugar que os homens lhe destinam, sempre lhe é reservado um lugar marginal:

Contavam que pintava o sete, ficara célebre com as extravagâncias e aventuras. Estivera pouco antes às portas do divórcio, com um caso escandaloso por demais, com um pintor de nomeada que só pintava efeitos de luz. Maria falada, Maria bêbeda, Maria passada de mão em mão, Maria pintada nua... (ANDRADE, 1999, p. 27).

Verifica-se, pois, que a personagem Maria, no conto “Vestida de Preto”, apresenta indicadores da contraposição aos valores dominantes com respeito à ordem moral e social nas primeiras décadas do século XX. Mário questiona a dominação masculina que é feita no interior da lógica patriarcal. Ironicamente a personagem se chama Maria e transita por pela representação da libertina, volúvel e sedutora. Esse tratamento ambíguo, engendrado por Andrade, demonstra a dificuldade que a sociedade da época tinha em lidar com as transformações cotidianas que o mundo moderno, aos poucos, impôs nas relações homem-mulher e na própria maneira de se conduzir. É importante salientar que São Paulo, nesse período, passa por um processo de modernização em que valores e tradições são, na prática, questionados.

Ao se debruçar sobre o projeto estético e ideológico construído por Mário de Andrade, observamos a incansável crítica à sociedade burguesa, fundamentada na questão da hipocrisia e da superficialidade, presentes nas relações humanas. Percebemos que, no conto “Vestida de Preto”, o escritor conseguiu mostrar, por meio de Maria, a figura de uma mulher que reage às imposições de uma sociedade que priva mulheres em todos os seus setores. As questões de gênero na narrativa de Andrade revelam sua importância ao ampliar a visão crítica acerca da posição da mulher do início do século XX no âmbito cultural e nas esferas que constituíam a sociedade.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. *Contos Novos*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Itatiaia, 1999.

AMARAL, Célia Chaves Gurgel do. *Debates de gênero: a transversalidade do conceito*. Fortaleza: Editora UFC, 2005.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

COUTINHO, A. *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

ISMÉRIO, Clarisse. *As representações do feminino na educação rio-grandense segundo o discurso positivista (1889-1930)*. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/484/353>>



Acesso em: 10 de março de 2015.

JARDIM, E. *Mário de Andrade o intelectual completo*. História Viva, ano II, n. 24-29, ago. 2005.

KOIFMAN, Georgina. *Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes, neto*. Rio de Janeiro: NovaFronteira, 1985. p145-150

LAURETTIS, T. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. *Tendências e Impasses: O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LINS, Álvaro. A liderança literária, o ensaio e a crítica em Mário de Andrade. In: \_\_\_\_\_. *Filosofia, história e crítica na literatura brasileira*. Afrânio Peixoto, João Ribeiro, José Veríssimo, Mário de Andrade, Lúcia Miguel Pereira. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1967. p.72-79.

MARTINS, Nereida Soares. *Maldição das Filhas de Eva: Uma História De Culpa E Repressão Ao Feminino Na Cultura Judaico – Cristã*. Disponível em: [http://www.anpuhb.org/anais\\_xiii\\_eeph/textos/ST%2008%20-%20Nereida%20Soares%20Martins%20da%20Silva%20TC.PDF](http://www.anpuhb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2008%20-%20Nereida%20Soares%20Martins%20da%20Silva%20TC.PDF). Acesso em 20 de agosto de 2015.

MACHADO, M. “Subjetividade coextensiva em “O peru de Natal””. In: <<http://www.palpar.com.br/download.php?file=SUBJETIVIDADE%COEXTENSIVA.pdf>>. Acesso em: 20 de agosto 2015.

MEYER, D.E.E. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, G.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 3ª ed. 2008.

SOUZA, Eneida Maria de. *A pedra mágica do discurso*. Jogo e linguagem em Macunaíma. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1988.

Recebido em: 26 de janeiro de 2016.

Aceito em: 23 de agosto de 2016.